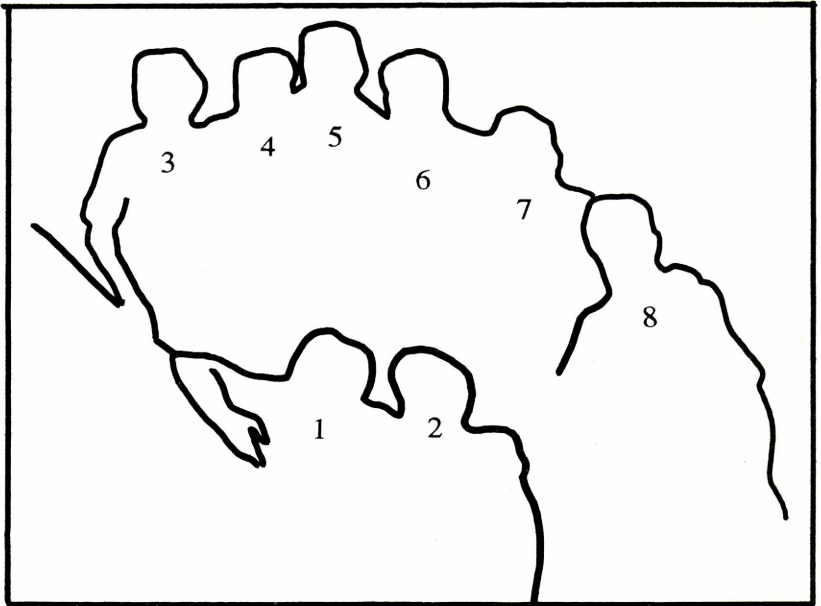
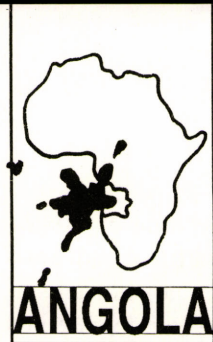


PADRE
MARCO AURÉLIO FONSECA, SDB
1949 – 1991



1. P. Marco Aurélio (Costa Rica)
2. P. José Madrigal (México)
3. P. Aurélio O. Neto (Brasil)
4. Visitante
5. Ir. Umberto Michelino (Argentina)
6. P. Luc Van Looy (Holanda)
7. P. Juan Hernandez (Argentina)
8. P. José Winkler (Alemanha)



PADRE MARCO AURÉLIO FONSECA

Costa Rica, A. Central, 15.2.1949

Angola, África, 4.1.1991

O que se apresenta aqui não é carta, nem discurso, nem sermão, nem biografia, nem síntese. Talvez notícias em torno do Acontecimento-Marco Aurélio Fonseca... Ao terminar sua leitura, estou certo, ver-se-á com clareza brilhar a verdade daquelas palavras das Letras Sagradas: “O justo será lembrado para sempre”.

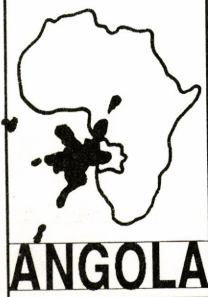
É diante da morte de uma pessoa, sobretudo da estatura de Marco Aurélio Fonseca, que ela ressurge de repente gigantesca diante de nós, pelo assombro de suas obras, confundindo-se, em síntese e grandeza, no mesmo resplendor do Cristo Glorioso.

“Só Deus é grande”, é verdade. Mas Cristo engrandece a todos os seus, “os que morrem no Senhor. Descansarão dos seus trabalhos, porque as suas obras os acompanham” (cf. Apc 14,13).

Logo que se pôde, a Delegação Inspetorial Salesiana de Angola, pelo seu Delegado P. Milan Péciman, convidou a todos para uma Santa Missa de sufrágio pelo P. Marco Aurélio, na Igreja Paroquial de São Paulo, de Luanda, África, no dia 10 de janeiro de 1991, quinta-feira, às 18 horas, 6 dias após o seu assassinato em Calulo.

Uma Missa para alguém que foi missa. Um hino de louvor.

Árvore alegre e frondosa, carregada de frutos, violentamente arrancada desde as raízes, seu tronco triturado de balas tornou-se em trigo retinto de sangue para frondejar nos Altares ao lado do Cordeiro, o Missionário Primeiro Imolado do Pai: Jesus Cristo.



1. ATO PENITENCIAL

Quando rezardes, dizei: "...perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido Se perdoardes aos homens as suas ofensas também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós" (Mt 6,14).

Foi praticando tamanhas Palavras que os Salesianos de Dom Bosco a trabalhar em Angola subiram os degraus do Altar, proclamando, mais com o coração do que com palavras e comunicados, quanto lhes ia nas almas em pedaços:

"Nós, os Salesianos de Dom Bosco, em atitude cristã, perdoamos aos que assassinaram o nosso Irmão P. Marco Aurélio Calvo Fonseca. E imploramos a Deus que tenha misericórdia deles.

"Nós, Salesianos, pedimos ao Senhor, dono dos corações, que a morte do nosso Irmão seja semente de Paz para esta terra de Angola.

"Nós, os Salesianos de Dom Bosco, pedimos aos responsáveis desta guerra em Angola que passem das palavras aos fatos, para conseguir já a Paz, agora..., sem deixar sequear um segundo a mais. . .

"Acreditamos que o P. Marco Aurélio é a primeira semente salesiana (plantada) em terra angolana. Feliz dia para os Salesianos!"

O Bispo de Sumbe, Dom Zacarias, diria logo depois no Sermão: "(Senhor), disseste um dia: "Quem me segue não anda nas trevas". Nós, aqui presentes, andaríamos em densas trevas se de fato não aprendêssemos de Ti a perdoar."

Foi com estas convicções, imbuídas de sentido eterno, que, em meio à tristeza profunda pelo Irmão tirado e a alegria do perdão concedido, todos rezaram:

Marco Aurélio, revestido na terra do ministério sacerdotal e tendo seguido por amor do Cristo o caminho da caridade perfeita, seja recebido na Comunidade dos Santos e exulte na glória do mesmo Senhor.



2. PROCLAMAÇÃO BIOGRÁFICA

- Segundo os entendidos, ninguém pode dizer que não se comunica, porque todos falamos com tudo o que somos.

A vida do P. Aurélio pode definir-se, pois, como o florescimento total numa verdadeira liturgia da palavra. Impressionou sempre o seu anseio de comunicação, sobretudo com os Jovens. Basta seguir-lhe a trajetória.

Filho de Leví Fonseca, de saudosa memória, e de Primitiva Calvo, nasceu em Concepción de Naranjo, Alajuela, Costa Rica, América Central, aos 15 de fevereiro de 1949. Realizou seus estudos primários na Escola P. José del Olmo, em Concepción de Naranjo e, em seguida, em Rincón de Zaragoza, em Palmares, quando ingressou na Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Marco Aurélio Calvo Fonseca sentiu desde muito pequeno em seu coração o chamado de Deus para a vida consagrada.

Fez o curso secundário no Aspirantado Salesiano de Cartago, Costa Rica, de 1963 a 1968.

Deixando a pátria num grupo de oito, entrou para o noviciado da Congregação de Dom Bosco, no Instituto P. Rua, em El Salvador, República de San Salvador, dia 5 de janeiro de 1969. É o que nos conta, em testemunho eloquente, um seu companheiro, P. Elías Samuel Bolaños, salesiano, que por dez anos conviveu lado a lado com o P. Marco Aurélio:

. Primeira decisão

“Conheci o P. Marco Aurélio nos inícios de janeiro de 1969, quando se uniu ao grupo dos que entrávamos para o Noviciado Salesiano da América Central. Reunimo-nos no Instituto Salesiano Rinaldi, em Planes de Renderos, de San Salvador. Vinham com ele mais 6 costa-riquenses e um panamenho. Só Marco Aurélio perseverou até a ordenação sacerdotal e... até a morte.

“Fizemos o Noviciado em anos mui críticos: tempos pós-conciliares e períodos de redefinição da vida religiosa e salesiana.

“Apesar disso, M. Aurélio, embora não se distinguísse extraordinariamente dentro do grupo, era muito sereno e firme na vocação salesiana que estava a começar. Além de muito alegre - de uma alegria transbordante... - era muito

otimista, ativo em todos os esportes (futebol, basquete, vôlei, etc.), na música, no teatro, nos trabalhos do oratório, na animação dos jovens.

. A primeira Missão

“Durante a Semana Santa do ano do noviciado tivemos a oportunidade de participar de uma “semana santa missionária”. Os religiosos, religiosas e alguns líderes juvenis formaram oito grupos para atender alguns povoados sem padre. Os novícios fomos distribuídos dois a dois pelos 8 grupos. M. Aurélio fez com entusiasmo essa experiência. Dela saiu com o primeiro germen de vocação missionária.

“Tivemos também a oportunidade de trabalhar no Oratório Domingos Sávio, que funcionava junto ao Noviciado. Marco Aurélio entrou de corpo e alma para trabalhar com os jovens.

“No segundo semestre desse ano vestiu o hábito e ao cabo de um ano de experiência na Congregação, a 6 de janeiro de 1970, emitia os votos religiosos de obediência, pobreza e castidade, entre os Filhos de Dom Bosco.”

. Dedicado “filósofo”

Dias depois, os treze colegas neoprofessos viajavam para a República da Guatemala, onde na cidade de Guatemala, fariam os estudos filosóficos, no Estudantado Salesiano.

“Nos estudos - continua Bolaños - M. Aurélio não era muito brilhante. Distinguia-se, porém, por sua tenacidade, constância e busca de solução para os problemas filosóficos. Continuava entusiasta do esporte, do teatro, da música (era exímio trompetista). Nos grupos de canto estava sempre a cantar, compassando com palmas, e mexendo-se.

“Coube-nos durante esses anos trabalhar no Oratório da Paróquia da Divina Providência. Dispúnhamos (para divertir os meninos) apenas de dois poeirentos campinhos de futebol. Mas, com a boa vontade e o nosso inesquecível colega M. Aurélio, fortalecemos aquele Oratório Festivo.

“Quanto à sua vida religiosa, era sempre de uma seriedade total. Não lembro de ter visto nele alguma leviandade de religioso. Apesar de muito alegre e espertalhão, era grandemente comedido em suas amizades, especialmente com as mulheres. Neste ponto era muito prudente e equilibrado.”

. Jovens ou “bebelândia”?

Feitos os estudos filosóficos, “pelo fim de 1972 a obediência nos destinou a trabalhar no Aspirantado salesiano de Cartago, na Costa Rica (onde M. Aurélio fora seminarista por seis anos). Éramos três companheiros: M. Aurélio, R. Echeverría e eu.”

Nesses três anos de vida prática salesiana, “M. Aurélio continuou a distinguir-se por sua efusiva alegria, transbordante criatividade, gosto de estar entre os seus seminaristas para alimentar-lhes a confiança. A ele cabia promover os encontros esportivos. Além de assistente dos maiores, foi nomeado responsável pelos alunos do último ano de aspirantado - pré-noviços -. Responsabilidade delicada e séria. Contudo, M. Aurélio foi encaminhando aquele grupo de rapazes, enquanto aprendia a difícil arte de trabalhar com os jovens.

“Não lhe faltaram dificuldades no primeiro ano (ameaça de greves por parte dos maiores, oposição a trabalhos de classe ou passeio). Com o tempo, ganhou experiência. Olhou de frente os problemas, solucionando-os pelo diálogo.

“Foi nesse tempo que ele optou por dedicar-se mais ao setor juvenil que à criançada em geral. Seu campo preferido foram sempre os jovens de 16 anos para cima. E dava-se muito bem.

Como professor, lecionava Ciências Sociais, História e Francês.

“Para alegrar o ambiente, preparávamos de vez em quando algum teatrinho ou sessão acadêmica. M. Aurélio era o ator sério e garboso: um verdadeiro artista.

“Graças à linda comunidade que formávamos com os demais Salesianos, os dois outros anos transcorreram límpidos e serenos...

“Vez por outra convidou-nos a visitar a casa paterna, em Naranjo, Costa Rica, onde partilhamos momentos agradáveis com sua família: o Sr. Levi, seu pai, de saudosa memória, era um homem alegre e bonachão, cuja cópia fiel era o seu único filho homem, M. Aurélio. Sua Mãe e três Irmãs se caracterizavam pela simplicidade e bondade própria das famílias profundamente cristãs.”

. Com Dom Bosco para sempre

Após esse tempo de tirocínio, ou vida prática, em dezembro de 1975 partiu para a República de El Salvador a fim de preparar-se proximamente para a entrega definitiva a Deus com a Profissão Perpétua. “M. Aurélio foi-se preparando para ela com aquela segurança vocacional que sempre o caracterizou. Até esse momento, sempre o vimos bem seguro do chamado que Deus lhe havia dirigido, chamado que ele testemunhava com o espírito de sacrifício, a oração sentida e um apostolado sempre otimista e borbulhante.

“A 6 de janeiro de 1976, pois, na Paróquia de N. S. Auxiliadora de El Salvador, pronunciamos a solene Profissão Perpétua. Foi uma tarde cheia de júbilo e alegria, à sombra da Casa que nos tinha visto nascer Salesianos, pois aí havíamos feito o Noviciado. Dos 13 colegas da primeira profissão, éramos agora apenas seis...

. Entre livros e tremores de terra

“Dias depois nos trasladamos para Guatemala, na Guatemala, para dar início aos estudos teológicos. A 20 de janeiro de 1976 começamos as aulas com todo o entusiasmo. Mas, 15 dias depois, a 4 de fevereiro, sobreveio o famoso terremoto de Guatemala. Graças a Deus, o edifício de nosso Instituto não sofreu maiores conseqüências. As casas de

muitíssimas pessoas, no entanto, ficaram destruídas ou danificadas. Todos os estudantes nos dispusemos a colaborar para repartir víveres, carregá-los, transportá-los. M. Aurélio era sempre

dos primeiros e sempre disponível na colaboração em favor dos demais.

. Para a comunicação total

“Os estudos teológicos transcorreram dentro de um ambiente bastante sereno, apesar dos tempos de crise, deserções, indefinições e incertezas. M. Aurélio nunca se mostrou protestatário, revolucionário, exigente. Participava da comunidade de estudantes, mas sempre com muito comedimento. Sua única pretensão era a inovação pessoal, litúrgica, eclesial, a fim de chegar mais aos jovens.

“Desde o teologado, e também depois, era proverbial a sua gestualidade, o desejo de mostrar dinamismo e ação, de modo que na Inspetoria todos o conheciam e a ele nos referíamos, comentando seu modo de celebrar, de dirigir-se aos jovens: era um vulcão de criatividade e comunicação. Esse seu desejo de entrar na onda juvenil era inato. Alguns, entretanto, interpretavam seu modo de ser como sinal de superficialidade. Tanto que as Ordens Sagradas lhe foram atrasadas de um ano. Apesar disso, religiosamente foi sempre íntegro e cabal. Tampouco mostrou leviandades, superficialidade ou concessões em sua vida religiosa: era trabalhador, cumpridor do regulamento, dos estudos e das práticas de piedade, de profunda convicção.

“Como estudante as únicas coisas que o alteravam eram as nossas infantilidades e caprichos, ou quando procedíamos com incoerência em nossa vida de religiosos.

“A 20 de outubro de 1979, terminamos os estudos de Teologia. Ele, resignado e sereno, concordou com os superiores, em esperar um ano e meio para se ordenar sacerdote: queria estar bem seguro do ministério que deveria realizar. Foi nesse ano que nos separamos, após transcorrer juntos 10 anos de formação, onde partilhámos alegrias, realizações, atividades, apostolado e grande amizade.”

Marco Aurélio recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de Dom José Rafael Barquero, a 1º de agosto de 1981, na Paróquia de Naranjo, sua terra natal.

. A palavra que se reparte

Como salesiano sacerdote, desempenhou os seguintes cargos: Coordenador dos Estudos no Aspirantado de Cartago, em 1981, e Diretor do Centro Juvenil (Oratório Festivo) do Colégio Dom Bosco, de Guatemala (1982-83) e na Missão de S. Pedro Carchá, em Alta Verapaz de Guatemala.

No **Testemunho** afirma-nos o colega Bolaños: “Nos colégios e obras salesianas por onde trabalhou.... era conhecido por suas poses, por seu jeito de dizer as coisas, de celebrar a Eucaristia, de dirigir-se aos alunos. Em todos os lugares foi sempre bem recebido e apreciado. Entregava-se de cheio ao trabalho apostólico, com o dinamismo que o caracterizava, preocupado sempre de “chegar até” os jovens.

. Em busca de novos campos

“A última vez em que pude encontrar-me pessoalmente com ele foi em setembro de 1983, quando veio substituir-me, por alguns dias, no Colégio Salesiano, de Granada. Havia já recebido a notificação de que partiria para a África (Angola) e estava esperando o aviso para dirigir-se ao Brasil.

“Apesar do pouco tempo passado em Granada, ganhou rapidamente a amizade e a confiança dos granadinos: anos depois, alguns amigos ainda me perguntavam por ele.

““O trigo estava pronto para a messe”: quando M. Aurélio partiu para o Brasil - fins de 1983 - , via-se nele alguém seguro, uma personalidade realizada e com um futuro promissor. Estava pronto para ser Missionário... e queria-o ser de coração.

“Ao longo dos anos de formação fui constatando o lento amadurecer do “trigo” que Deus preparava para disseminá-lo em “terras longínquas”. Nunca mais o vi. Logo, porém, começamos um intercâmbio epistolar.”



3. A PALAVRA SE FAZ OFERENDA

Imbuído de profundo zelo missionário, pediu a seus superiores para ser enviado a terras de Missão. Após passar alguns meses no Brasil para familiarizar-se com a língua portuguesa, chegou a Angola (África) no dia

20 de janeiro de 1984.

Ficou em Luanda como Vigário Cooperador. A 4 de outubro de 1986 foi transferido para Dondo também com o cargo de Vigário Cooperador. E aos 13 de junho de 1987, a obediência levou-o a Calulo como Ecônomo, onde já vinha trabalhando quinzenalmente. Era a fundação dessa nova Obra Salesiana.

Por fim, um ano depois, 1988, passou a ser o Superior da Missão, cargo que desempenhou até a sua morte.

. Encarnando o Cristo negro

Foram ao todo 7 anos de vida pastoral em Angola: três na Arquidiocese de Luanda e quatro na diocese de Novo Redondo, Kuanza Sul.

De 1984 a 1991 viveu, assim, o seu maior “sonho”: entregou-se, de fato, totalmente ao trabalho missionário, caracterizando-se pelo entusiasmo, pela generosidade, pelo sacrifício e pela alegria.

Esmerou-se por conhecer a cultura e a realidade local, ansiando por identificar-se com aquela boa gente, que em troca o acolheu como irmão e amigo.

Organizou a catequese, o oratório festivo, os movimentos juvenis, a pastoral sacramental, a pastoral da saúde, e mil outras coisas.

Numa carta escrita em fins de 1989 expressava a profunda satisfação por estar preparando uns 800 catecúmenos para o batismo.

Era seu propósito encarnar o Evangelho naquela cultura para conseguir assim pôr bases firmes, a fim de que a fé não ficasse apenas na superfície mas penetrasse no coração daquela gente e se projetasse na vida.

“Enquanto eu estudava em Roma - refere o colega P. Bolaños - testemunhei a sua preocupação missionária, seu desejo de inculturar-se num ambiente tão diferente do nosso e do seu (Costa Rica). Pediu-me livros e revistas que tratassem da África: cultura, costumes, seus povos, etc. Era natural que estranhasse esse outro mundo. Mas desejava ardentemente conhecê-lo e “encarná-lo”. Lembro de ter-lhe mandado dois livros e a assinatura da revista “NIGRIZIA” (Negritude).

“Voltando de Roma, a obediência destinou-me ao Estudantado Filosófico, de Guatemala, e M. Aurélio continuou a escrever-nos. Seu interesse principal eram os jovens salesianos: (queria saber) quantos eram, suas atividades, as transferências de pessoal, as novidades de nossa Inspetoria. Ia, por sua vez, contando sua experiência missionária a fim de entusiasmar os jovens centro-americanos pelas Missões.”

. Tornar-se terra angolana

Gustavo Mahon, jovem salesiano, atualmente estudando Teologia em Lubumbashi, Zaire, escreve:

“O tempo passado em Calulo foi para mim uma escola de vida contínua a orientar a minha caminhada... Lembro-me bem do Marco, do seu caráter “inquieto”, do seu zelo apostólico. Quantas vezes com o P. Hilário tivemos que “amarrá-lo” à cama, porque, mesmo estando doente, insistia em ir visitar alguma aldeia. Ficava sempre surpreso pela atenção que dava às pessoas. Conhecia cada um pelo nome. Via o seu amor pelo povo angolano no estudo que fazia das línguas locais e dos costumes do povo, apesar de todo o trabalho que tinha... Com o M. Aurélio, nós, Salesianos, começamos a fazer-nos verdadeira terra angolana. Ele nos indica o caminho a seguir: AMAR ATÉ DAR A VIDA.”

“O trigo estava pronto - encerra o P. Bolaños seu **Testemunho** - para cair na terra, morrer e germinar”. Sua morte trágica, no campo do trabalho caiu na terra e está germinando nas almas de tantos jovens que querem tomar seu lugar, em Angola como em tantos outros lugares do mundo.”

. A Angola do P. M. Aurélio

Angola tem uma superfície de 1.246.700 km² e perto de 9 milhões de habitantes. Foi colônia portuguesa até 1975.

Desde então tem vivido em permanente estado de guerra civil. O governo é socialista marxista, apoiado pela Rússia e por Cuba. Um grupo armado, UNITA, agindo como guerrilheiros, luta contra o governo, FAPLA.

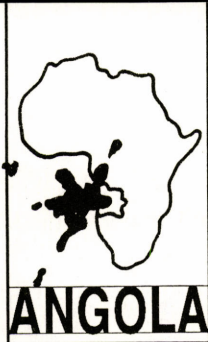
Muitos missionários morreram, outros foram expulsos, muitos centros de missão foram saqueados e queimados. A Igreja Católica, porém, continua realizando um grande trabalho missionário na formação humana e cristã dos nativos.

Do Povo dizia o P. Marco Aurélio, numa sua visita à Costa Rica: "Angola é outro mundo. Como missionário, a pessoa deve antes encarnar-se no povo. O africano foi feito para viver em comunidade. Se alguém não tem parentes os inventa: não pode viver sozinho. Quando alguém morre, avisa-se a todos os parentes e o choram por uma semana. Ao nono dia, faz-se uma grande festa com comida, música e danças. Causou-me impacto em Angola o carinho, o amor que têm pelo sacerdote."

Angola é um país pródigo na produção de algodão, banana, café, azeite de palmeira, cana de açúcar, tabaco, gado, diamantes, ferro e petróleo. Mas a guerra empobreceu terrivelmente seus habitantes.

"Economicamente - diz o P. M. Aurélio, em carta a sua Mãe - o país está em situação de bancarrota. Recolheram todo o dinheiro para trocar a moeda. Mas devolvem apenas 5% do total depositado pelo povo. Em nossa cidade já entregamos o dinheiro, mas o novo dinheiro não aparece. Por conseguinte, sem o antigo e sem o novo, estamos superpobres, "*duros*" mesmo.

O povo está cansado e quer que as coisas mudem: há fome, poucas condições de trabalho, guerra, miséria e estruturas que não "servem".



4. UM SERMÃO SEVERO

Os sentimentos que perpassavam os corações dos fiéis na Santa Missa de sétimo dia pelo P. M. Aurélio, em Luanda, deviam ser certamente os mesmos que inundavam as almas dos primeiros cristãos ao celebrarem os Santos Mistérios pelos seus Mártires... Dor, medo, revolta pela destruição e mortes, saudade, desolação, fé, esperança, perdão...

. “Missão crucificada”

Assim definiu a Missão de Calulo Dom Zacarias Kamwenko, Bispo de Sumbe, no sermão da Missa:

“Esta Missão vive crucificada. Este é o resumo de sua história, a história de um projeto assinalado pela Cruz.” Segundo o Bispo, foi fundada em 1893 pelos Padres do E. Santo e lá tombou também o P. Wieder, espiritano. Implantada a República em Portugal, os missionários foram o alvo preferido da maçonaria. Com o Estado Novo, a Missão não escapou à sanha dos inimigos da fé. A Independência não trouxe paz e liberdade. De 1975 até 1987 a vida se tornou impossível para os missionários, sobretudo estrangeiros. Mas, “em boa hora, chegaram os Salesianos”, disse. De fato eles já estavam atendendo Dondo a 100 quilômetros de Calulo.

Tomaram posse a 13 de junho de 1987. Ao lado do Superior da Missão, P. Hilário Micheluzzi, e de um jovem Professo, estava o P. Marco Aurélio, 37 anos, a quem caberia o atendimento direto das aldeias, algumas das quais não viam sacerdote desde 1975. Ele era uma luz que chegava a todas as aldeias. Um catequista chegou a dizer: “Sr. Bispo, se algum dia nos tirarem o P. Marco, nós voltaremos ao abandono. Este padre é de coragem.” “E a fonte dessa coragem - continua Dom Zacarias - (foi) sua vida interior.”

. Testamento espiritual

A *Crônica* dos últimos 7 dias que ele redigiu mostra bem a estatura espiritual alcançada por esse homem de Deus em 7

anos de vida missionária. “Soube impor-se como homem da sua Comunidade, Sacerdote da Igreja que ele amou até o último minuto da sua vida. Essa Crônica chegada a nós, dir-se-ia, milagrosamente, constitui o seu testamento espiritual”, afirma Dom Zacarias.

E prossegue firme em doída apóstrofe:

“Marcos, os teus assassinos quiseram silenciar-te, ou por outras, quiseram fazer de tua morte o seu recado para o Governo de Angola O recado foi insensato, porque as razões da guerra (se há alguma guerra com razão) já estão ultrapassadas, donde, a tua morte ser apenas mais um crime que se escreveu nas páginas da História Angolana.”

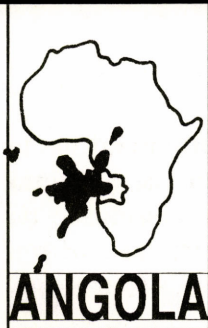
. Peroração

“(Senhor), disseste um dia: “Quem me segue não anda nas trevas” (Jo 8,12). Nós, aqui presentes, andaríamos em densas trevas se de fato não aprendêssemos de Ti a perdoar. Andaríamos nas trevas se não fosses Tu a sustentar a nossa esperança, o nosso amor para com os homens, o nosso estar com eles, e o nosso estar Contigo e seguir-Te.”

E após finalizar a enumeração das violências cometidas em Calulo contra missionários e missionárias desde 1975, violências que culminaram com o assassinato do nosso P. M. Aurélio, efetuado com requintes de barbaridade, perorou:

“Chegamos assim, Senhor, ao ponto quente do Mistério do perdão. Porque, humanamente falando, sabemos que eles (os assassinos) sabiam que o P. Marco Aurélio era Sacerdote, Missionário e não um cooperante ou comerciante e, ainda que fosse...; que era Costarriquenho e não Angolano e, ainda que fosse...; que iriam derramar sangue inocente, esse sangue que brada aos Céus, e, ainda que não soubessem esta última verdade, nós perguntamos: Por que fizeram isso?

“Senhor, não estou a discutir os teus desígnios, os teus planos, que sabemos são sempre de Amor e de Salvação. Tu és o Sumo Sacerdote: imolas as Tuas vítimas onde e quando queres, onde e como queres.



. Perdão e parabéns

“E porque nós, e o Cardeal de tua Igreja que preside esta Concelebração, os Sacerdotes, os Religiosos, as Religiosas e os Teus fiéis; porque nós, repito, queremos caminhar na Tua Luz, aqui nos tens a aprender Contigo a perdoar como também a pedir perdão à Mãe e Familiares do P. Marco Aurélio, aos seus Confrades - a quem também dizemos “Parabéns”. Sim, “Parabéns”, porque com a morte do P. Marco, os Salesianos de Dom Bosco consumaram o seu casamento com a Terra Angolana.

Por isso me dirijo agora ao Pai para dizer-Lhe que, se não estou a pedir demais, o sangue do P. Marco Aurélio, misturado com o Teu - Cristo - , obtenha para Angola o Milagre da Paz. Amém.”

5. A CRÔNICA DOS ÚLTIMOS 7 DIAS

Na *Crônica* que fez durante a sua semana da paixão, descreve M. Aurélio a última, destruidora, “visita” dos homens “da mata” (UNITA), iniciada às 5 horas da manhã do dia 27 de dezembro de 1990, com o troar de canhões, metralhadoras e morteiros. (Entre aspas as frases citadas literalmente. Resumimos e justapomos:)

“Os primeiros momentos foram de terror e pânico. Não sabíamos o que fazer. Ficamos espreitando pelas janelas ouvindo os disparos e a ver as balas vermelhas passarem por todos os lados. Para não sermos atingidos refugiamo-nos na biblioteca da casa onde permanecemos deitados debaixo da mesa... Meia hora foi suficiente para vencer toda a resistência da vila e tomar posse da mesma. Todos fugiram.”

Pelas 10 horas, após interrogatórios na chefia dos “visitantes”, sobre nomes, cidadania, atividade missionária, asseguraram aos missionários que por “ordens superiores” as missões, as casas dos padres e dos pastores não poderiam ser tocadas, que ficassem tranquilos porque a situação “estava dominada”.

Durante todo aquele dia muitos outros grupos visitaram o centro da missão, fazendo as mesmas perguntas a respeito das pessoas e

sobretudo das viaturas. (Funcionar, funcionavam, repetiam os missionários, mas eram da Diocese e não se podia mexer).

Pensava-se que com o cair da tarde todos se fossem embora. Chegou a noite e eles ficaram. Esse primeiro dia foi de sabotagem, pilhagem, destruição, roubo, saqueio e mais. Não houve casa em que não entrassem. O que mais lhes apetecia era: roupa de vestir e de cama, pratos, rádios, panelas, sabão, açúcar, óleo... Durante a noite, muitos tiros no ar, como para dizer: "Cuidado! Estamos aqui!"

. Sexta-feira, 28

Da crônica desse dia sabe-se que a UNITA fora a Calulo, com uns 2.000 homens para destruir tudo. Chamados, os missionários foram aconselhados a suspender as visitas às aldeias, ao menos enquanto eles estivessem na Vila, garantindo que "tudo estava sob controle".

. Sábado, 29

Apesar dos convites da UNITA, as pessoas não voltam ao povoado. Segundo parece, não há mortos. "Eles" limpam a residência lar de estudantes de quanto havia. Enchem uma viatura e mais o que 20 ou 25 pessoas puderam carregar.

"Por volta das 7h30 nós nos reunimos na capela para a oração da manhã e a Eucaristia. (Nela) meditamos sobre a situação das pessoas que nos "visitaram", dos que estão no capim, com fome, com chuva... Pedimos a Deus pelas crianças, pela paz, pelo êxito das conversações, etc."

"Pelas 12 horas alguém nos informa que já partiram Parece um sonho. Não acreditamos. Pedimos a Deus que assim seja. Saímos para constatar a verdade. Com que palavras descrever, contar, dizer o que vimos?"

(Em oito linhas resume toda a destruição com que se deparou e conclui):

"No teu coração de missionário, a dor, a lamentação, o sofrimento compartilhado com todos os que ficaram sem casa, sem roupa, sem

louça, sem sapatos, sem cabrito, sem porco, sem cama. Em face de tanta destruição, a gente se pergunta: por quanto tempo ainda este sofrimento, esta guerra, esta dor, esta angústia? Para quando a paz, o cessar fogo, a reconciliação e o fim de tanta miséria?"

Mas, às 2 da tarde, nova e inesperada visita. O P. M. Aurélio viu-se repentinamente rodeado de militares no meio do povoado; chegou a temer pela vida: era um grupo de soldados indagando pela casa de estudantes. O P. Aurélio tentou despistar. Um moço indicou. 15 minutos depois, afastaram-se como formigas, levando consigo o que havia sobrado do saque da manhã.

À tardinha, muitos do povo estão a voltar a suas casas para recuperar o pouco que ainda restara. Mas de noite eles se refugiam em suas choupanas, na lavra.

. Domingo, 30, Festa da Sagrada Família

Chove. 40 pessoas na primeira Missa. Na segunda, um pouco mais. "Falei da Família de Nazaré como exemplo de vida, de luta, de coragem, de fidelidade, de fé colocada em Deus, mesmo no meio das dificuldades pelas quais eles passaram. Animei a todos a não se desencorajarem ou se sentirem abatidos diante dos acontecimentos dos dias passados. Era preciso dar graças a Deus porque tínhamos a vida e, tendo a vida, podia-se começar de novo, mesmo desde zero, desde abaixo de zero. José e Maria não se desanimaram; souberam superar obstáculos ainda mais difíceis que os nossos. Durante a oração dos fiéis pedimos pelos casais que tinham ficado só com a roupa do corpo... Pedimos pelas crianças que estavam traumatizadas pela fome, pelas fugidas, pelos pulos, pelas bombas e tiros..."

"O abraço da paz foi um abraço de membros de família. Abraço de irmãos que se encontravam depois de uns dias de trauma. Abraço de alegria. Abraço que significava "Graças, Senhor, porque estamos com vida". Na comunhão, Cristo veio partilhar conosco todas as alegrias e tristezas dos últimos dias.

"Domingo à tarde, os amigos se encontram: abraços, beijos, apertos de mão, notícias, comentários, histórias... A família começa a reunir-se."

Apesar da paz, o tempo é propício a boatos que geram medo e insegurança. A imprudência de um tiro para o ar pôs todo o mundo a correr para o capim. Devido a tudo isso, muitos não retornam a suas casas aquela noite... Outra vez, nessa noite, ruas vazias, casas fechadas e silêncio por todos os lados.

. Segunda, 31 de dezembro

Tudo parecia voltar ao normal. Teriam de fato ido embora? Pelas 10 e meia, ouvem-se tiros e o estouro de uma bomba.- FAPLA ou UNITA? - UNITA!!!

Uns 20 soldados cataram umas tantas coisas deixadas no comissariado, puseram fogo no prédio e se mandaram. Mas... E depois... voltariam?!...

. Terça, 1º de janeiro de 1991, Dia Mundial da Paz

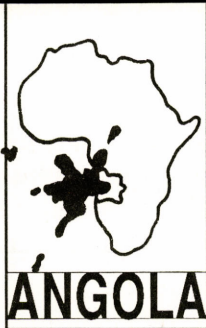
Nas duas Eucaristias, número de fiéis ligeiramente maior que o do domingo. Ambiente tranquilo. Celebração calma, “pedindo a Deus e a Maria, sua Mãe, bênçãos para o novo ano, e fizemos uma reflexão sobre o Dia Mundial da Paz”.

Mal os fiéis tinham saído da igreja, “encontramo-nos de frente com uns homens armados, nervosos”, perguntando pelas FAPLA. As pessoas gelaram... “Não tenham medo”, disseram. “Só buscamos os fardados, as FAPLA”.

“Não há palavras para explicar o que o coração e a mente sentiam nesse momento.” Deixaram claro que não admitiam as FAPLA em Calulo. Despediram-se e foram para o centro da Vila.

No coração do P. M. Aurélio as interrogações são muitas e a primeira é: “Querera a UNITA ficar em Calulo?” Se isso acontecer, quais as consequências para o povo, para a missão? (seguem-se, por isso, mais 10 angustiantes perguntas, todas elas muito questionadoras... e termina):

“Que o Senhor nos ilumine sobre o que fazer neste momento. Que afaste o perigo e nos conceda, por meio de sua Mãe, Maria, o Dom da Paz.”



15 horas - "Dou uma volta pela cidade. Silêncio total. Nem galinhas, nem cabritos, nem cães, menos ainda pessoas. Tudo é solidão. A cidade, vazia, mete medo."

. Quarta-feira, 2 de janeiro, SS. Nome de Jesus

"Hoje o sol está a cair forte sobre as nossas cabeças. Na Eucaristia das 6h30 nos reunimos um pequeno grupo de pessoas. O dia está calmo, silencioso, e não há sinais da presença dos elementos da UNITA em nossa cidade. GRAÇAS A DEUS! Pelo menos um dia de trégua."

A *Crônica* termina aqui. E reflete, como se pode ver, a fé, a dor e a angústia do P. M. Aurélio diante da impossibilidade de ajudar a população.

Nessa mesma terça-feira, 2 de janeiro, o P. M. Aurélio saiu de jipe com um jovem colaborador da Missão, Marcelino Antonio Pagamento, a fim de levar a Dondo outro jovem, Fernando Rui, que viajaria para o Brasil para fazer o Noviciado.

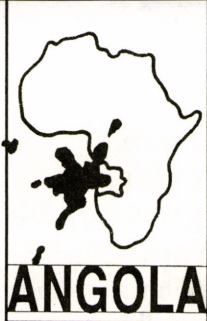
6. 15H45MIN: A CRUZ

Sexta-feira, 4 de janeiro, 15h45min. O P. M. Aurélio regressava de Dondo, pelo caminho de Kabuta. A 16 quilômetros de Calulo, foi surpreendido por um grupo de guerrilheiros, que os crivaram de balas, a ele e ao jovem que o acompanhava, sendo os dois enterrados no mesmo local.

Durante a viagem, outro angolano, Isac, pegara carona com eles. Isac foi atingido por uma bala na perna. Ferido, foi levado pelos mesmos soldados da UNITA até uma aldeia próxima. Isac relatou o acontecido a um catequista que imediatamente percorreu uns 10 quilômetros para avisar os Salesianos Ir. Lopes e Ir. Gastón, que tinham ficado na Missão.

O Ir. Lopes partiu imediatamente (já era dia 5, sábado) com alguns catequistas, e chegando ao local, encontraram o P. Marco e o jovem Marcelino enterrados ao lado do jipe metralhado.

Quem diria, matar também o Marcelino...



Quando estavam para partir com os corpos, chegaram os soldados da UNITA que devolveram os objetos pessoais do padre, os documentos, etc. Ao mesmo tempo tentaram explicar que fora um triste engano: eles estavam esperando um ataque por parte do governo e julgaram que o jipe fosse o “inimigo”... E

por isso atiraram...

Na Missão, o P. Marco foi enterrado lado a lado com o jovem Marcelino, selando assim o pacto dos Salesianos com a Juventude angolana.

A mãe do P. Marco Aurélio, Da. Primitiva Calvo, e demais familiares agradecem tanto ao Ir. Virgínio Lopes e ao Ir. Gastón Fontaine o “terem-lhe dado santa sepultura”!

A chuva torrencial daquele dia ao final dos funerais parecia indicar a abundância das lágrimas que rolavam das faces daquele povo tão sofrido e de todos os que iriam chorar sua morte... Sobretudo das lágrimas de sua Mãe.

7. DAI-NOS A PAZ!...

A notícia da morte do P. Marco Aurélio, devido à precariedade imposta pela gravidade das circunstâncias em que se deu, explodiu logo que pôde e como pôde em todos os meios de comunicação disponíveis. Ainda que iluminada pela fé, a consternação provocada aumentou também pela falta de dados.

A morte de qualquer pessoa, como o Marcelino, como a mais pequenina..., é sempre um estremeção, uma ferida que afeta profundamente toda a grande árvore da Nova Humanidade implantada no Corpo de Cristo. Pedir pela Paz é, pois, pedir que os homens ao menos retornem à própria sanidade mental, recomponham como possam o corpo da humanidade estraçalhada.

Não estranha, pois, que quase todos os numerosos - transcreveremos alguns - pronunciamentos de condolências associem a morte do querido P. M. Aurélio ao seu testemunho - martírio - missionário e à suspirada paz para Angola e a Humanidade.

. Hierarquia

Recorde-se primeiro dentre todos, o apelo dolorido de seu Bispo Dom Zacarias ao Pai Celeste, feito na homilia da Missa fúnebre: “Se não estou a pedir demais, o sangue de P. M. Aurélio, misturado com o Teu, Cristo, obtenha para Angola a milagrosa Paz!”

O Papa, pela Delegação Apostólica em Angola, transmitiu “sua viva participação assegurando sua oração de sufrágio pela alma do corajoso missionário.”

Dom Frei Serafim Hombo, em nome do Sr. Cardeal Dom Alexandre, da Arquidiocese de Luanda: “Os mártires são exemplos a serem imitados e não simplesmente contemplados. Que a sua intercessão traga a ansiada paz para Angola e para o mundo inteiro.”

Dom Franklin, arcebispo de Lubango: “É mais um sacrifício que Deus recebeu certamente para o bem da Obra Missionária e da Família Salesiana.”

Dom Pedro Scarpa, bispo de Ndalatando, “pede ao Senhor que o sangue derramado seja semente de muitas vocações salesianas.”

Dom Francisco Mourisca, bispo de Uíge: “....a trágica morte do P. Marco Aurélio é mais um holocausto neste calvário” de Angola.

. Salesianos

P. Luiz Gonzaga Piccoli, Provincial Salesiano de S. Paulo, Brasil, de quem dependem as missões de Angola: “Surpresos e consternados, mas cheios de fé, estamos todos junto de vocês. Caros irmãos de Angola, mantenham-se serenos e firmes. É uma passagem de provação em nossa caminhada salesiana em Angola. Deus nos quer aí Será tudo para o nosso bem.”

P. Carlos Techera, Superior Salesiano para a Região Atlântica: “Que grande pena! Será um estímulo a mais para continuar trabalhando por Angola.”

P. Egídio Viganó, Superior Geral dos Salesianos: “Voltando de uma viagem ao Quênia e Madagáscar, os Irmãos da Casa Geral me receberam com a notícia tão dolorosa da morte do P. Fonseca Tragédia. Meus pêsames aos Salesianos de Angola por este luto.

Acompanhamo-los com a solidariedade e a oração, pedindo pela paz.”

P. Luciano Odorico, Superior Salesiano para as Missões:

“Os Superiores sobretudo os Irmãos do Dicastério das Missões, unem-se à dor dos familiares do P. M. Aurélio e a todos os co-irmãos de Angola para que Deus conceda a todos coragem nestes tempos difíceis...”

Ir. Sílvia Pela, Provincial Salesiana de São Paulo: “Lembro tanto a partilha do que ele aprendera sobre os usos e costumes das aldeias.... Chorei a perda de um irmão.”

Ir. Maria Rita, Ex-provincial Salesiana de São Paulo:

“.... São os riscos da missão. Sangue de mártires, sementes de vida. Deus os abençoe, lhes dê força e coragem.”

. Congregações: África

Ir. Maria Dolores Idoate, Ex-provincial das Teresianas:

agradecemos “a Deus que um membro de vossa Sociedade foi escolhido para ser semente de nova vida e de paz.”

Ir. Teresa Casaco, S. José de Cluny, Cabinda: “Da minha alma se eleva um sentimento de gratidão. Um obrigado ao Senhor que o escolheu e o chamou; um obrigado aos pais que

não o guardaram egoisticamente; um obrigado à Família Salesiana, que atendendo aos apelos da Igreja missionária no-lo enviou; e um obrigado a ele mesmo, que se doou sem reservas a nós, povo, Igreja que caminha... Que o sangue derramado traga para Angola e tantos outros países o dom da paz tão desejada.

Ir. Catarina Napingala, Teresiana, Luena: “Mais sangue pela causa da paz em Angola.

Soror Inês de Assis, S.C., Sumbe: “.... mais uma semente caída na terra, que logo dará o seu fruto abundante, para o bem da vossa comunidade, da nossa Diocese e para a paz da nossa Angola...”

Ir. Eunice Yam, M.F.M.L., Bungo: “Que mais uma vez o sangue inocente dos mártires seja para vossa Congregação, para a Igreja de Angola e para este País, sinal e semente de Paz e amor.”

Ir. Maria dos Anjos, T.S.M.G., Sumbe: “Cremos que vós contribuístes com um dom precioso para a paz....”



Sílvio, Sumbe: "... tenho a certeza já é um intercessor pela Juventude angolana. (Ela), sedenta de vida e cansada de sofrer,.... precisa de alguém que motive seu caminho...."

. Congregações: Exterior

Ir. Maria G. Marchesini, Superiora Geral da Filhas de Jesus (Verona, Itália): "Jesus tem preparado um premio todo especial para quem enfrenta a morte por Ele. Unidas na oração, pedimos a Maria o dom da paz para todos os países que tanto a esperam e enquanto isso sofrem."

Estudantes Salesianos de Teologia, Lubumbashi, Zaire: "Temos a certeza que nosso irmão P. Aurélio, agora perto de Deus, "torcerá" por todos nós, para que o Reino de Deus venha e a paz em Angola seja uma realidade."

Ir. Maria Lurdes Gascho, Ministra Geral das Catequistas Franciscanas, Joinville, Brasil: "O sangue dos mártires seja súplica a Deus para que transforme os sacrifícios da vida em bênçãos de paz para toda Angola".

O Grupo de Casais da Paróquia de S. Paulo de Luanda, ao receber a notícia da morte daquele que consideravam como um de seus filhos, mergulhou em oração, dor, saudade e perdão. Mas o primeiro grito das mães foi e será sempre: "MALDITA GUERRA! MALDITA GUERRA!", que rouba e mata os filhos!

8. A PALAVRA SE FAZ PÃO

Na espiritualidade pastoral de todos os tempos, mas sobretudo da primeira metade deste século, insistia-se para que o sacerdote, à maneira de Cristo - Sacerdote, Vítima e Altar - , se fizesse Pão para suas ovelhas. O povo de Deus teve em M. Aurélio um Bom Pastor.

Ao sabê-lo morto, seu colega, P. Elías Bolaños, exclama em seu **Testemunho:**

"Não só a Congregação enriqueceu-se com teu testemunho. Também a Igreja consolidou-se com teu testemunho, com teu trabalho, com tua sementeira. O Reino de Deus continuará crescen-

do, porque homens como tu: teu zelo pastoral, tua dedicação total, tua morte cruenta, tornam o Reino acreditável. Obrigado por tua alegria, teu dinamismo, teu transbordamento vital e pastoral.”

. A hóstia das metralhadoras

Não só os dentes de feras, como rogava S. Inácio de Antioquia, podem preparar o trigo para hóstias que tiram o pecado do mundo. Também as metralhadoras... Seara de balas, seara de sangue, seara de Deus.

Em carta de 10 de junho de 1991 ao P. Milan, o P. Luiz Gonzada Piccoli, Provincial de S. Paulos e Angola, após enumerar as bênçãos de Deus para as Missões - a suspirada paz para o País (noticiada internacionalmente), o retorno dos missionários a Calulo, a próxima visita do Reitor-Mor à Missão, a iminente Assembléia Geral em agosto, ordenações, profissões, compromisso de novos Cooperadores Salesianos, a instituição de casa de formação em Palanca, a aceitação de nova presença em NDalatando... - tanta bênção, dizia ele, certamente devia ser atribuída “também à heroicidade do querido P. M. Aurélio, que tombou dando o sangue pela vida missionária em Angola. Desde o dia 4 de janeiro deste ano - dia de sua morte -, 1991 é o Grande Ano Jubilar, Décimo da Presença dos Filhos de Dom Bosco em Angola.

“São imperscrutáveis os desígnios de Deus e insondáveis os seus segredos: e são cheios de amor e de misericórdia os vestígios de sua presença entre nós”.

À carta do Provincial P. Piccoli o Delegado Inspetorial P. Milan Zednicek respondia dizendo que dia 13 de junho viajara para Dondo e Calulo. O caminho estava sendo reparado, haviam terminado os controles militares e o povo estava retornando festivamente a seus povoados: “uma volta triunfal, cheia de alegria”, sobretudo pelo retorno dos missionários...

“De tarde - continua - visitamos o túmulo do P. Marco Aurélio e de Marcelino. Rezamos pelo seu eterno descanso e pedimos sua proteção desde o Céu.”

Dia 14 foi visitar o lugar onde morreram:



“Lugar pitoresco. Agradável. Um morro coberto de mata espessa. E, junto, o caminho: o caminho para a vida nova. Pedi aos Salesianos que procurassem levantar uma pequena capelinha no lugar onde foram sepultados pela UNITA: capela S. Marcos... Contaram-me que, aos domingos, muitos cristãos se deslocam para lá, para rezar ou fazerem as celebrações dominicais...”

Em qualquer lugar pode surgir uma capela, uma igreja ou uma basílica, porque em qualquer lugar, em qualquer encosta, como no Calvário ou no Vaticano, pode morrer ou sepultar-se um santo...

Sonha, Marcelino...

Alguém escreveu: “A vida é uma estória. A estória, uma história. A história, um mistério”.

O Marco Aurélio viajou. O Marcelino viajou...

O Marco Aurélio não voltou. O Marcelino não voltou...

O Isac também viajou. Mas o Isac depois voltou.

O Marco Aurélio não voltou. Por quê?

O Marcelino não voltou. Por quê?

Mas o Isac depois voltou... Por quê?

“Sonha, sonha, Marcelino. Já começa a clarear...”

Isac, Marcelino, Marco Aurélio, vida, estória, história: Mistério — “fatos, pessoas, uma história de Amor: plenitude de realidade” (E. Viganó).

9. O COMPROMISSO DOS SALESIANOS

O *Comunicado* dos Salesianos de Dom Bosco distribuído nesse dia prossegue:

“Nós, Salesianos de Dom Bosco, acreditamos que a figura do P. Marco Aurélio irradia a simpatia e a coragem de Dom Bosco e é semente de novas vocações.



“Nós, os Salesianos que estamos em Angola, sentimo-nos unidos a todos os Salesianos do mundo e estamos dispostos a continuar com maior certeza em nossa missão.

“Acreditamos que, com a morte do nosso Irmão, Dom Bosco veio para ficar.

“Nós Salesianos e Irmãos do P. Marco Aurélio rezamos por sua Mãe e Irmãs, para que tenham a consolação da fé e, da Família Salesiana, a nossa gratidão pela entrega heróica de seu filho e irmão mais velho.

“Enfim, nós, os Salesianos de Dom Bosco, acreditamos que, para o nosso Irmão, a verdadeira Liturgia da Vida iniciou no dia 4 de janeiro, porque participou plenamente da Morte e Ressurreição do Senhor, para viver junto de Nossa Senhora e de Dom Bosco.

“Dom Bosco no seu testamento assegurava:

“.... Quando um Salesiano tombar e vier a morrer trabalhando pelas almas, haveis então de dizer que a nossa Congregação alcançou um grande triunfo. E sobre ela descirão copiosas as bênçãos do céu”.

Na Igreja, muito mais que na floresta, após o estonteante fragor de uma árvore que tomba, eleva-se aos ares todo um fervilhante e sonoro crepitar de Sementeira que cresce pros Céus, porque paira sobre Ela, aconchegante, o Espírito Santo Paráclito do Pai.

10. SUA BÊNÇÃO PERMANEÇA

Marco Aurélio, “pequena África viva”, “canto de vida”, “marco áureo” na história das Missões Salesianas em Angola, viverá para sempre. E com ele o Marcelino.

Revestido na terra do ministério do Cristo Bom Pastor, continuará a velar, solícito, por todas as Comunidades e por todos os marcelinos de Angola e do mundo.

E ao final desta “missa da vida e morte do P. Marco Aurélio”, resta a bênção e a despedida.

Deus já nos está abençoando pelo sacrifício missionário e de todo o Povo Angolano. Brota a PAZ, renasce a ESPERANÇA, dá-se largas ao AMOR: é a vitória de uma FÉ inabalável.

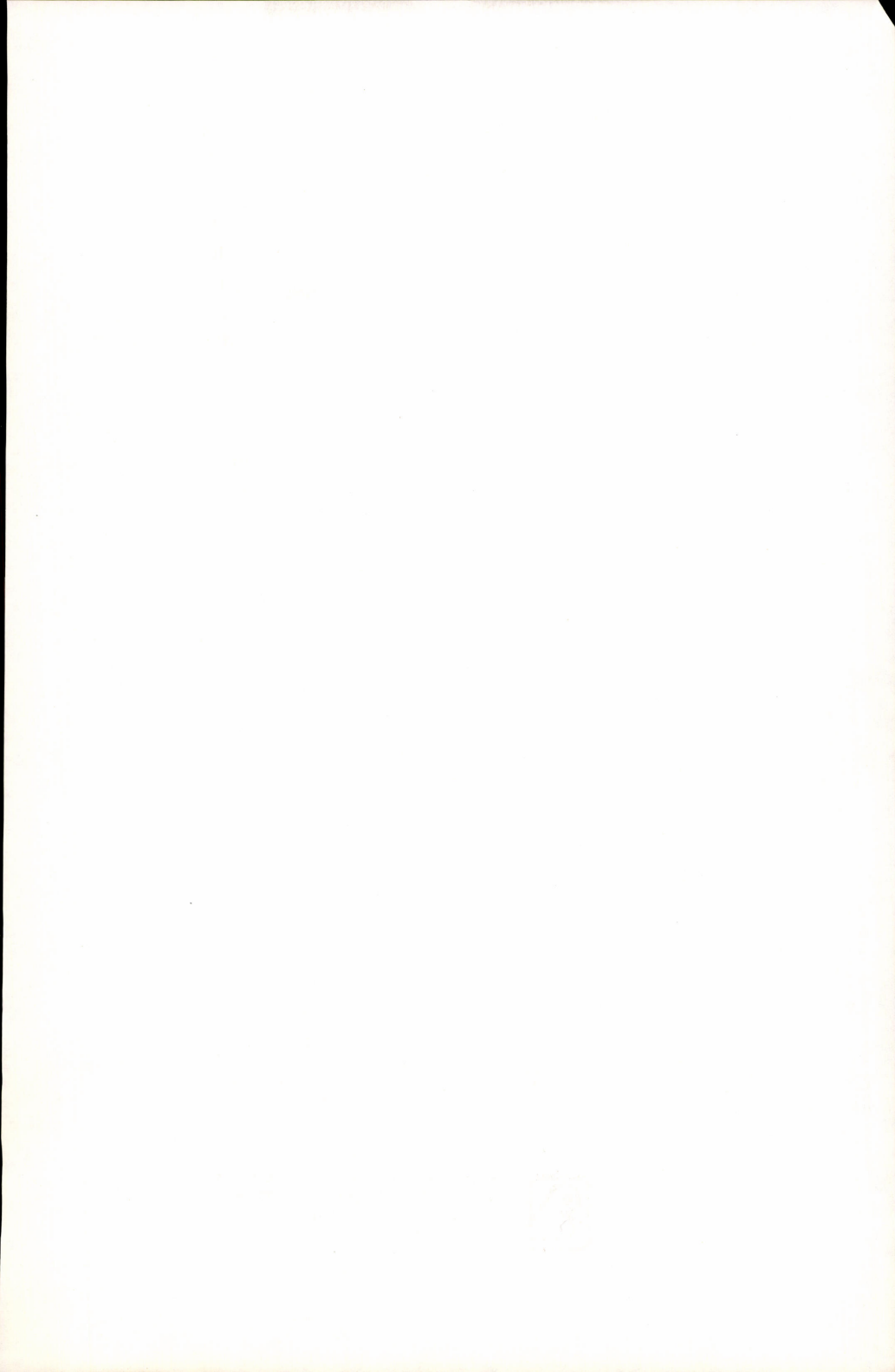
“Mamá Mushima” - a Mãe do Coração, a Mãe do Amor, como é chamada Nossa Senhora no meio daquela gente - interceda pela garantia e continuidade das manifestações da presença de Deus ente nós.

QUE A PAZ ESTEJA E PERMANEÇA SEMPRE COM TODOS. AMÉM!

P. Luiz Gonzaga Piccoli,
Inspetor Salesiano
São Paulo/Brasil e Angola

Dados para o Necrológico:

P. Marco Aurélio C. Fonseca:
nascido em Concepción de Naranjo,
Alajuela, Costa Rica,
aos 15 de fevereiro de 1949,
falecido em Calulo, Kwanza Sul,
Angola, a 4 de janeiro de 1991,
com 42 anos de idade, 21 de profissão
e 10 de sacerdócio.





Composto e Impresso pelos Alunos das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - CEP 03105 - Mooca
Fone: (011) 277-3211 - Fax (011) 279-0329
São Paulo - SP.

